

Indústria e território no estado de São Paulo – Brasil, no final século XX: Discutindo a nova divisão territorial do trabalho e a localização industrial¹

Everaldo Santos Melazzo²

1. Introdução

Este texto, ainda introdutório, apresenta e discute, em primeiro lugar, dados e informações empíricas de duas naturezas distintas: a primeira refere-se às informações sobre, pessoal ocupado e rendimentos médios de atividades econômicas relativos à indústria de transformação no Estado de São Paulo, nos anos de 1991 e 2000. O objetivo é elaborar um quadro de referência a respeito dos processos de desconcentração industrial da metrópole paulista em direção a áreas do interior do Estado. Explicita-se, aqui, a seletividade de tal processo na medida em que as mudanças observadas na década indicam a constituição de novos e específicos padrões espaciais que, em uma primeira aproximação, dividem as regiões próximas à metrópole e aquelas mais distantes em relação aos setores industriais que se realocizam. Ao mesmo tempo, por tratar-se de dados de “estoque” referem-se ao lento processo de construção histórica que diferencia e particulariza as diferentes regiões e as relações que estabelecem com a metrópole paulista e entre si. Explicita-se, ainda, a necessidade de continuidade de tais análises no que se refere às atividades, na medida em que de acordo com o tipo de indústria novos padrões locais aparecem mais fortemente associados à desconcentração industrial. A segunda toma os dados de investimentos, também na indústria de transformação, anunciados entre os anos de 1995 a 2005. Trata-se de apresentar alguns indicadores sobre tais investimentos (valores e destino dos investimentos), também relacionados diretamente à indústria de transformação. Objetiva-se, com tais dados, observar os movimentos dos capitais em relação a ampliação ou modernização de plantas industriais, em relação a investimentos em novas atividades ou em Pesquisa & Desenvolvimento. Aparecem, aqui, os fluxos de capitais em seus movimentos de valorização que ratificam o padrão seletivo apontado acima. Porém e ao mesmo tempo, por tratarem-se de decisões empresariais, referem-se a expectativas quanto ao

¹ Pesquisa realizada no âmbito do projeto temático, financiado pela FAPESP: “O mapa da indústria no início do século XXI. Diferentes paradigmas para a leitura territorial da dinâmica econômica no Estado de São Paulo”, coordenado pelo Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito e desenvolvida pela UNESP, USP, UFPR e UNIOESTE.

² Economista. Doutor em Geografia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP em Presidente Prudente – SP. Membro do Gaspar – Grupo “Produção do espaço e redefinições regionais”.

futuro para a ampliação ou conquista de mercado, crescimento ou ampliação de unidades e busca de rentabilidade parametrizadas em relação ao perfil econômico pré-existente do passado mas que “constroem o futuro”, alterando o radicalmente o próprio ambiente onde se dão tais decisões.

Os dois conjuntos de dados e informações e os indicadores elaborados são tratados de maneira a explicitar os mesmos recortes territoriais, ou seja, as 15 regiões administrativas do estado de São Paulo, de maneira a obter uma mesma base de comparação. Tomar como ponto de partida para a organização e apresentação dos dados os recortes territoriais, implica assumir limites para a leitura empírica desta realidade, na medida em que a dinâmica econômica extrapola fronteiras construídas administrativamente. Porém, potencialmente, permite apontar mudanças e transformações que respondem às lógicas espaciais da dinâmica econômica no final do século XX.

A este propósito, não seria demais lembrar, de um lado, as discussões macro estruturais que imputam aos processos de acumulação flexível, mundialização do capital e às transformações no mundo da produção o surgimento de novas lógicas de localização industrial. Por outro, e não menos importantes, encontram-se os argumentos que dão conta do novo perfil da metrópole paulista que, ao centralizar a gestão e o comando de processos econômicos na escala nacional e em suas ligações com a escala mundial impõem uma nova divisão territorial do trabalho regional e inter-regional. A articulação entre ambos tem provocado alterações sensíveis na divisão territorial do trabalho no Estado de São Paulo.

A partir das evidências empíricas citadas, a discussão direciona-se, em segundo lugar, para a problematização das questões acima apontadas à luz de arcabouços teóricos que colocam em discussão os critérios de localização industrial. Os elementos de uma nova geografia econômica e de leituras da economia industrial permitem estabelecer o foco de interesse não apenas nos fatores determinantes da localização, o que faz emergir a importância de tomar o território e seus usos como integrantes da dinâmica econômica, mas também pensar os impactos e mudanças que provocam nas diferentes áreas/regiões/localidades de destino. O conceito central aqui será

Trata-se, assim, de analisar o passado em busca de pistas sobre um novo mapa da indústria paulista no início do século XXI, concluindo o texto mais com uma agenda de pesquisas do que com conclusões.

2. Evidências Empíricas

2.1. Sobre os dados e suas fontes

O debate sobre dados, suas fontes e as diferentes maneiras de trabalhá-los e analisa-los é grande e depende de orientações teóricas e metodológicas prévias.

Os dados empíricos, a serem utilizados para a elaboração dos indicadores de pessoal ocupado, atividades industriais e suas localizações, tem sua origem nos “Microdados da amostra” resultantes dos Censos Demográficos do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística dos anos de 1991 e 2000.

Os dados encontram-se codificados para cada variável pesquisada, contendo, dentre outras, informações referentes à unidade territorial a que pertencem (municípios, no caso), grupos ocupacionais, condição de ocupação e atividade econômica desenvolvida, rendimentos e escolaridade dentre outros. Neste caso específico, e para facilitar seu acesso e manuseio foi desenvolvido um aplicativo, denominado CUBO³, capaz de tratar de maneira amigável os dados, cruzá-los com o objetivo de elaboração de indicadores, apresentá-los em valores absolutos, percentuais, médias ou medianas e acessá-los para diferentes recortes territoriais, buscando interface com processos de mapeamento.

Ao trabalhar com dados de pessoal ocupado, discriminando suas variações nos anos considerados, espera-se traçar um painel das mudanças na estrutura industrial paulista que permite visualizar processos de realocização de atividades.

No caso dos investimentos, trata-se de trabalho com banco de dados da PIESP - Pesquisa de Investimentos Anunciados no Estado de São Paulo, elaborado pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade, compreendendo o período entre 1995 a 2005.

Os dados coletados neste banco são: valor a ser investido, tipo de investimento (implantação, ampliação, modernização), origem do capital (nacional ou estrangeiro), município de localização, além do nome da empresa. Os setores e ramos são classificados de acordo com a CNAE (Classificação Nacional de Atividades Econômicas) e as informações são divulgadas por setor de atividade e região do Estado.

Procura-se, aqui, analisar as tendências dos investimentos e a dinâmica econômica no Estado de São Paulo em relação:

1 – aos valores anunciados ao longo do período, vinculando-os à discussão dos fatores de formação das expectativas de investimentos;

³ Tal programa foi desenvolvido pela analista de sistema Suemar E. Contessoto e pelo autor do presente texto.

2 – à localização de tais investimentos (Municípios, Regiões Administrativas e Regiões de Governo) em relação aos fatores locacionais que podem ser depreendidos de tais decisões, isto é, as bases produtivas previamente existentes que viabilizaram/atraíram tais investimentos (também de acordo com o tipo de investimento);

3 – às sinergias positivas que tais investimentos podem vir a desempenhar atraindo outras atividades das diferentes cadeias produtivas, consolidando perfis definidos de atividades econômicas;

4 – à distribuição regional dos investimentos industriais;

4 – à seletividade espacial dos diferentes capitais por setores/ramos e localizações, de acordo com sua origem (se nacional ou estrangeiro).

2.2. Pessoal ocupado na indústria de transformação

Os dados sobre pessoal ocupado na indústria de transformação no estado de São Paulo revelam alterações entre as diferentes Regiões administrativas no período 1991 – 2000. As tabelas a seguir fornecem dados que possibilitam visualizar algumas destas mudanças na última década do século XX de maneira a fornecer um quadro mais geral de análise de tais processos.

A Tabela 1, a seguir, apresenta tais resultados destacando a Região administrativa de São Paulo, que corresponde à região metropolitana, o conjunto das regiões de Campinas, Sorocaba, São José dos Campos e Santos, que correspondem às áreas mais próximas à metrópole paulista e as demais regiões.

Observa-se dos dados que, ao lado da perda de ocupações industriais na metrópole, crescem as participações das demais regiões (exceto Barretos), apontando alterações no perfil e nas características da dinâmica econômica fora da metrópole. Em particular, as regiões de Campinas, Sorocaba e São José dos Campos reforçam seu peso relativo e sua participação no conjunto do pessoal ocupado, indicando que os processos que se referem à perda de peso da metrópole não correspondem a um “espraiamento” uniforme da atividade industrial na medida em que estas últimas regiões ampliam sua participação.

**Tabela 1 – Pessoal ocupado na indústria de transformação – 1991-2000
por Região Administrativa – Estado de São Paulo**

Regiões Administrativas	1991	2000
RA DE SAO PAULO	54,33	46,34
Sub-Total	54,33	46,34
RA DE CAMPINAS	16,48	18,08
RA DE SOROCABA	5,29	6,55
RA DE SAO JOSE DOS CAMPOS	4,27	4,92
RA DE SANTOS	1,90	1,83
Sub-Total	27,94	31,39
RA DE SAO JOSE DO RIO PRETO	2,68	4,01
RA CENTRAL	2,35	2,76
RA DE BAURU	2,25	3,10
RA DE RIBEIRAO PRETO	2,33	2,57
RA DE FRANCA	2,17	2,89
RA DE ARACATUBA	1,72	2,30
RA DE MARILIA	1,71	2,21
RA DE PRESIDENTE PRUDENTE	1,18	1,42
RA DE BARRETOS	1,13	0,79
RA DE REGISTRO	0,20	0,21
Sub-Total	17,73	22,27
Total	100,00	100,00

Fonte: IBGE. Microdados da amostra, 1991 e 2000. Processados através do Cubo (ver nota 3)

Porém, há de se notar também o crescimento do emprego industrial em várias das demais regiões, particularmente na de São José do Rio Preto, Bauru e Araçatuba denotando processos que merecem ser aprofundados no que se refere a um detalhamento maior da natureza concreta de tais atividades que ai surgem ou implantam-se durante a década sob análise. A elevação do pessoal ocupado de 17,73% para 22,27% sugere movimentos de desconcentração da atividade industrial.

No mesmo sentido, a Tabela 2, a seguir, informa as alterações na remuneração da força de trabalho nas diferentes áreas do estado, destacando-se em quase todas as regiões o crescimento da remuneração média do pessoal ocupado.

O maior crescimento refere-se ainda à região metropolitana, porém não é desprezível o comportamento da remuneração em regiões como Campinas e Sorocaba, por exemplo sugerindo alterações na própria composição da mão de obra ocupada na indústria que, por sua vez, refletem alterações nos tipos de atividades.

Tabela 2 – Remuneração média em salários mínimos na indústria de transformação – 1991-2000 por Região Administrativa – Estado de São Paulo

	Rendimento médio em s.m.
--	--------------------------

	1991	2000
RA DE SAO PAULO	4,75	6,26
RA DE CAMPINAS	3,86	5,21
RA DE SAO JOSE DOS CAMPOS	5,08	5,99
RA DE BAURU	3,16	3,83
RA DE ARACATUBA	2,41	3,40
RA CENTRAL	3,43	4,22
RA DE MARILIA	2,55	3,79
RA DE SAO JOSE DO RIO PRETO	2,77	3,63
RA DE SOROCABA	3,29	4,44
RA DE RIBEIRAO PRETO	3,87	4,98
RA DE PRESIDENTE PRUDENTE	2,39	3,48
RA DE SANTOS	4,83	5,93
RA DE FRANCA	3,22	3,56
RA DE BARRETOS	2,77	4,17
RA DE REGISTRO	2,77	3,55
Média Geral	4,17	5,31

Fonte: IBGE. Microdados da amostra, 1991 e 2000. Processados através do Cubo.

Aproximando-se mais do universo das questões empíricas necessárias a um detalhamento maior dos processos em curso, as Tabelas 03 e 04 a seguir apresentam uma descrição do pessoal ocupado em algumas das divisões econômicas da indústria de transformação, segunda a CNAE – Classificação Nacional de Atividades Econômicas⁴ nos anos de 1991 e 2000⁵.

Ambas as tabelas apresentam os percentuais de pessoal ocupado para três grupos de Regiões Administrativas. O primeiro refere-se à região metropolitana de São Paulo, o segundo às regiões de Campinas, São José dos Campos, Sorocaba e Santos e o terceiro às demais regiões do estado. Permitem, assim, auferir o peso relativo dos tipos de indústria em cada momento e ao mesmo tempo fornecem pistas sobre as mudanças ocorridas entre as regiões.

O perfil das atividades através do pessoal ocupado demonstra estruturas industriais em transição, que podem ser visualizados mesmo nos níveis agregados em que os dados encontram-se organizados e com as distintas classificações. Tome-se, por exemplo, a região metropolitana que lidera o pessoal ocupado nas atividades

⁴ Para o ano de 1991 foi utilizada a CNAE 1.0, que classifica a indústria de transformação na Seção D, divisões de 15 a 37 e para 2000 a CNAE 2.0, Seção C, divisões de 10 a 33.

⁵ Optou-se por não compatibilizar ambas as classificações, o que só seria possível em um nível de desagregação maior (por classes de indústrias).

Tabela 3– Pessoal ocupado (em %) por grupos de Regiões administrativas, segundo atividades selecionadas da indústria de transformação - 1991

RA SÃO PAULO		RAS CAMPINAS, SOROCABA, SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E SANTOS		RAS BAURU, ARAÇATUBA, CENTRAL, MARÍLIA, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, SOROCABA, RIBEIRÃO PRETO, PRESIDENTE PRUDENTE, FRANCA, BARRETOS, REGISTRO	
Atividades	P.O. %	Atividades	P.O. %	Atividades	P.O. %
metalúrgicas	16,89	metalúrgicas	5,99	de produtos alimentares	3,93
do vestuário	4,00	têxteis	2,92	químicas (inclusive produção de álcool)	2,34
têxteis	3,42	de produtos alimentares	2,80	do calçado	2,26
de produtos alimentares	3,42	de transformação de minerais não metálicos	2,43	metalúrgicas	1,67
editoriais e gráficas	3,01	de material de transportes	1,74	de transformação de minerais não metálicos	1,12
de material de transportes	3,00	químicas (inclusive produção de álcool)	1,69	do mobiliário	1,04
de material elétrico e de comunicações	2,91	do vestuário	1,51	do vestuário	1,01
químicas (inclusive produção de álcool)	2,79	mecânicas	1,23	mecânicas	0,64
de produtos de matérias plásticas	2,30	de material elétrico e de comunicações	1,10	têxteis	0,56
do mobiliário	2,01	do mobiliário	0,88	de madeira	0,48
mecânicas	1,87	de madeira	0,86	editoriais e gráficas	0,40
de transformação de minerais não metálicos	1,69	do papel e papelão	0,85	não compreendidas nas classes anteriores	0,39
não compreendidas nas classes anteriores	1,53	não compreendidas nas classes anteriores	0,72	de bebidas (exclusive produção de álcool)	0,33
do papel e papelão	1,18	de bebidas (exclusive produção de álcool)	0,54	de material elétrico e de comunicações	0,28
da borracha	0,96	editoriais e gráficas	0,53	de couros, peles e similares (exclusive vestuário e calçados)	0,24
de produtos farmacêuticos e veterinários	0,72	de produtos de matérias plásticas	0,52	do papel e papelão	0,21
de madeira	0,54	do calçado	0,42	de material de transportes	0,21
do calçado	0,51	da borracha	0,37	de produtos de matérias plásticas	0,19
de perfumaria, sabões e velas	0,47	de produtos da destilação do petróleo e do carvão	0,28	da borracha	0,17
de bebidas (exclusive produção de álcool)	0,45	de produtos farmacêuticos e veterinários	0,22	de produtos da destilação do petróleo e do carvão	0,07
de couros, peles e similares	0,22	de couros, peles e similares	0,11	de produtos farmacêuticos e veterinários	0,07
de prod.da destilação do petróleo e carvão	0,22	de perfumaria, sabões e velas	0,11	de perfumaria, sabões e velas	0,05
químicas de mat.primas para prod.de plástico, bor.etc.	0,10	químicas de mat.primas para prod.de plástico, bor.etc.	0,05	do fumo	0,01
do fumo	0,06	do fumo	0,01	químicas de mat.primas para prod.de plástico, bor.etc.	0,01
Total	54,33	Total	27,94	Total	17,73

Fonte: IBGE. Microdados da amostra, 1991 e 2000. Processados através do Cubo.

Tabela 4– Pessoal ocupado (em %) por grupos de Regiões administrativas, segunda atividades selecionadas da indústria de transformação – 2000

Grupo A		Grupo B		Grupo C	
Atividades	P.O. %	Atividades	P.O. %	Atividades	P.O. %
Produtos de Metal - Exceto Máq. e Equip.	7,34	Produtos Alimentícios e Bebidas	3,73	Produtos Alimentícios e Bebidas	5,55
Artigos do vestuário e acessórios	5,81	Produtos de Metal - Exceto Máq. e Equip.	3,47	Prep. Couros e Fabric. Art. de Couro, de Viagem e Calç	2,75
Veículos Automotores, Reboques e Carroc.	3,97	Artigos do vestuário e acessórios	3,01	Artigos do vestuário e acessórios	2,65
Móveis e Indústrias Diversas	3,67	Produtos Têxteis	2,64	Móveis e Indústrias Diversas	2,35
Produtos Químicos	3,65	Produtos de Minerais Não-Metálicos	2,48	Produtos de Metal - Exceto Máq. e Equip.	1,79
Edição, Impres. Reprod. de Grav.	3,42	Veículos Automotores, Reboques e Carroc.	2,38	Produtos Têxteis	1,15
Produtos Alimentícios e Bebidas	3,28	Móveis e Indústrias Diversas	2,10	Máquinas e Equipamentos	1,09
Artigos de Borracha e Plástico	2,91	Produtos Químicos	1,87	Produtos de Minerais Não-Metálicos	0,96
Produtos Têxteis	2,60	Máquinas e Equipamentos	1,57	Edição, Impres. Reprod. de Grav.	0,56
Máquinas e Equipamentos	2,38	Artigos de Borracha e Plástico	1,34	Produtos Químicos	0,56
Produtos de Minerais Não-Metálicos	1,44	Metalurgia Básica	1,08	Produtos de Madeira	0,53
Celulose, Papel e Produtos de Papel	1,17	Celulose, Papel e Produtos de Papel	1,04	Artigos de Borracha e Plástico	0,49
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	0,93	Produtos de Madeira	1,02	Coque, Refino de Pet. , Elab. de Comb. Nucleares e Álcool	0,44
Metalurgia Básica	0,72	Edição, Impres. Reprod. de Grav.	0,83	Celulose, Papel e Produtos de Papel	0,30
Prep. Couros e Fabric. Art. de Couro, de Viagem e Calç	0,61	Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	0,57	Veículos Automotores, Reboques e Carroc.	0,29
Material Eletrônico e de Aparelhos e Equip de Comunic.	0,55	Outros Equipamentos de Transporte	0,56	Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	0,23
Instrum. Méd.Hospit., Prec. Ópt, Equi. Aut. Ind. Cron. Rel.	0,55	Material Eletrônico e de Aparelhos e Equip de Comunic.	0,54	Instrum. Méd.Hospit., Prec. Ópt, Equi. Aut. Ind. , Cron. Rel.	0,16
Produtos de Madeira	0,40	Instrum. Méd.Hospit., Prec. Ópt, Equi. Aut. Ind Cron.Rel.	0,37	Reciclagem	0,13
Máquinas para Escritório e Equipamentos de Informática	0,27	Prep. Couros e Fabric. Art. de Couro, de Viagem e Calç	0,27	Metalurgia Básica	0,11
Reciclagem	0,27	Reciclagem	0,23	Material Eletrônico e de Aparelhos e Equip de Comunic.	0,07
Outros Equipamentos de Transporte	0,21	Coque, Refino de Pet. , Elab. de Comb. Nuc. e Álcool	0,18	Outros Equipamentos de Transporte	0,05
Coque, Refino de Pet. , Elab. De Comb. Nuc. e Álcool	0,14	Máquinas para Escritório e Equipamentos de Informática	0,11	Produtos do Fumo	0,03
Produtos do Fumo	0,04	Produtos do Fumo	0,00	Máquinas para Escritório e Equipamentos de Informática	0,01
Total	46,34	Total	31,39	Total	22,27

Fonte: IBGE. Microdados da amostra, 1991 e 2000. Processados através do Cubo.

metalúrgicas, seguido de percentuais bem menores para as demais atividades no ano de 1991. Em patamares bem abaixo aparece esta atividade nas demais regiões. Tal quadro altera-se no ano 2000, com a diminuição do peso da região metropolitana e o crescimento nas demais regiões.

No mesmo sentido, atividades como de alimentação, têxtil, química e material de transportes ampliam sua participação nas regiões do interior, diminuindo seu peso na metrópole, mesmo as duas últimas tendo passado por alterações de classificação.

Dadas as mudanças de metodologia de classificação de atividades entre um Censo e outro, faz necessário como estratégia de investigação continuar a “montagem” deste mosaico de diferenças que passam a ser mais visíveis quanto maior a nível de desagregação dos dados. Porém, são notáveis as mudanças passíveis de serem observadas e que se referem a alterações no pessoal ocupado, mas que dizem respeito a transformações nas bases produtivas, nas articulações intersetoriais etc.

2.3. Os investimentos industriais

O investimentos anunciados entre 1995 e 2005 permitem também visualizar, em conjunto com os dados já trabalhados, processos de mudanças na localização preferencial do lugar da transformação industrial na economia paulista.

Tomando-se, inicialmente, o dado do total dos investimentos no período como um todo, observa-se da Tabela 5, a seguir, que os investimentos industriais respondem por mais da metade, seguido pelos investimentos no setor de serviços. Trata-se, provavelmente, de um viés da fonte de dados que capta as intenções de investimentos através de anúncios realizados por empresas, em que têm acesso à mídia ou atraem a atenção de divulgação por serem grandes ou terem algum tipo de influência no mercado sobre o qual atuam. Porém, revelam, também uma base de dados propícia para análise.

Tabela 5 – Percentual de investimentos anunciados no estado de São Paulo acumulado entre 1995 e 2005.

Setores de atividades	% Investimentos anunciados
Indústria	53,09
Comércio	3,50
Serviços	43,07
Outros	0,34
Total	100,00

Fonte: Seade/PIESP. Organizado por Adriano Moreira.

Tomando-se, de maneira desagregada, tais investimentos industriais para cada uma das regiões administrativas, segundo o ano de anúncio, é possível detalhar um pouco mais tais informações, segundo a Tabela 6, a seguir.

Uma observação preliminar diz respeito à localização de investimentos que se localizam em diferentes municípios, denotando empresas com várias unidades de produção espalhadas pelo estado de São Paulo. Em alguns anos (1995-1998, 2001 e 2003) alcançam volumes maiores que aqueles localizados especificamente uma localidade determinada. Tais dados merecem um tratamento à parte, que não será aqui desenvolvido, na medida em que tais investimentos podem ter ocorrido em diferentes municípios dentro de uma mesma região ou de diferentes regiões do estado.

Porém, não é possível deixar de notar algumas regularidades da distribuição relativa dos valores entre as diferentes regiões administrativas. Em primeiro lugar, o predomínio absoluto da região metropolitana de São Paulo perde primazia durante o período, com claras tendências de crescimento das demais. Entretanto, em segundo lugar, observa-se mais uma vez que Campinas, São José dos Campos principalmente, e Sorocaba e Santos um pouco mais abaixo, apresentam tendências de atrair e concentrar investimentos industriais mais que as outras regiões e que a própria metrópole.

**Tabela 6 – Investimentos industriais – Regiões Administrativas – 1995/2000
(totais em US\$ e percentuais)**

RMs e RAs	95-98 (média)		1999		2000		2001		2002		2003		2004		2005	
	US\$ mil	(%)	US\$ mil	(%)	US\$ mil	(%)	US\$ mil	(%)	US\$ mil	(%)	US\$ mil	(%)	US\$ mil	(%)	US\$ mil	(%)
São Paulo	2367,0	22,1	4870,4	34,9	2460,6	16,7	1979,3	19,4	1550,0	18,9	1470,2	17,8	1819,4	25,2	479,2	6,8
Campinas	2331,2	21,7	3383,9	24,3	2701,2	18,4	2176,3	21,4	1543,1	18,8	1647,3	19,9	810,2	11,2	1407,1	19,9
São José dos Campos	1949,9	18,2	2327,4	16,7	4501,8	30,6	1228,0	12,1	2518,7	30,7	1427,2	17,3	735,1	10,2	2195,6	31,1
Sorocaba	574,7	5,4	825,8	5,9	557,3	3,8	519,2	5,1	526,6	6,4	90,4	1,1	630,5	8,7	386,0	5,5
Santos	367,1	3,4	894,8	6,4	430,6	2,9	862,4	8,5	389,5	4,7	790,8	9,6	568,8	7,9	576,0	8,1
Araçatuba	22,8	0,2	38,5	0,3	192,6	1,3	12,2	0,1	385,7	4,7	240,7	2,9	227,0	3,1	707,1	10,0
Barretos	5,3	0,0	6,7	0,0	0,0	0,0	18,7	0,2	10,7	0,1	84,2	1,0	39,8	0,6	46,3	0,7
Bauru	88,7	0,8	44,0	0,3	429,7	2,9	617,0	6,1	90,1	1,1	95,0	1,1	101,9	1,4	140,1	2,0
Central	261,0	2,4	124,0	0,9	1056,9	7,2	6,8	0,1	64,5	0,8	371,8	4,5	125,6	1,7	35,3	0,5
Franca	21,9	0,2	11,8	0,1	12,1	0,1	6,6	0,1	22,8	0,3	11,6	0,1	139,9	1,9	2,7	0,0
Marília	13,2	0,1	65,3	0,5	29,7	0,2	55,0	0,5	38,4	0,5	107,4	1,3	44,1	0,6	121,1	1,7
Presidente Prudente	26,3	0,2	16,2	0,1	15,3	0,1	2,6	0,0	0,8	0,0	15,6	0,2	48,7	0,7	136,8	1,9
Registro	1,9	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,6	0,0	0,0	0,0
Ribeirão Preto	149,5	1,4	62,8	0,4	69,1	0,5	114,8	1,1	65,3	0,8	18,6	0,2	22,0	0,3	18,7	0,3
São José do Rio Preto	8,2	0,1	10,7	0,1	7,0	0,0	23,6	0,2	16,7	0,2	131,1	1,6	128,4	1,8	229,3	3,2
Diversos Municípios	2534,6	23,6	1269,0	9,1	2249,9	15,3	2564,4	25,2	981,8	12,0	1756,4	21,3	1791,1	24,8	588,5	8,3
Total	10723,0	100	13951,3	100	14713,9	100	10187,1	100	8204,5	100	8258,1	100	7232,9	100	7069,7	100

Fonte: Seade/PIESP. Organizado por Adriano Moreira.

Discriminando os investimentos industriais segundo a destinação em investimentos em implantação de novas unidades produtivas, investimentos em ampliação/modernização e investimentos em Pesquisa & Desenvolvimento são observados movimentos que reforçam as observações realizadas até o momento, a respeito da seletividade do movimento espacial da destinação das atividades industriais.

No que se refere à implantação de novas atividades, observa-se que a região metropolitana alcança o segundo lugar em volume de investimentos apenas nos anos de 2003 e 2004, ficando sistematicamente abaixo das demais. Percebe-se a presença forte da RA de Campinas e São José dos Campos. Notável, ainda, mesmo que pontualmente, o aparecimento das RAs de Araçatuba, Bauru, São José do Rio Preto e Presidente Prudente, reforçando a presença de processos de surgimento de novas atividades industriais em regiões localizadas no oeste do estado.

Tabela 7 – Investimentos industriais para implantação e novas unidades – 1995 – 2005 – Regiões selecionadas. Percentual e posição da região no conjunto.

RMs e RAs	95-98		1999		2000		2001		2002		2003		2004		2005	
	(%)	Pos	(%)	Pos	(%)	Pos	(%)	Pos	(%)	Pos	(%)	Pos	(%)	Pos	(%)	Pos
São Paulo	9,87	3	24,20	2	9,65	4	8,88	6	6,23	5	11,94	2	17,87	2	1,12	8
Campinas	29,67	1	38,42	1	25,39	1	31,02	1	33,82	1	9,20	4	19,73	1	17,05	3
São José dos Campos	17,28	2	12,41	3	11,60	3	12,33	3	1,42	7	3,42	6	8,29	5	45,71	1
Santos	1,09	8	9,20	5	0,25	9	16,61	2	9,64	4	19,52	1	4,87	8	-	15
Sorocaba	7,22	4	9,37	4	5,81	6	10,29	5	14,60	2	1,53	9	15,91	3	0,04	13
Central	4,11	5	1,21	6	15,57	2	0,08	11	1,48	6	10,90	3	4,70	8	0,97	9
Araçatuba	0,38	10	0,03	14	3,96	7	0,20	9	11,33	3	6,35	5	9,40	9	17,57	2
Bauru	1,28	7	0,05	13	6,55	5	12,13	4	0,15	13	2,24	8	6,43	6	0,83	10
São José do Rio Preto	0,14	13	0,08	10	0,06	11	0,15	10	0,45	9	3,57	7	6,25	7	6,20	4
Presidente Prudente	0,43	9	0,22	9	0,22	10	0,06	12	0,00	14	0,18	12	1,08	13	3,67	5

Fonte: Seade/PIESP. Organizado por Adriano Moreira.

Porém, os investimentos em ampliação e modernização de plantas industriais já existentes ainda marca a presença da RA de São Paulo, mesmo que a partir de 2002 venha perdendo a primeira colocação para seu entorno imediato.

Tabela 8 – Investimentos industriais para ampliação/modernização de unidades existentes – 1995 – 2005 – Regiões selecionadas. Percentual e posição da região no conjunto.

RMs e RAs	95-98		1999		2000		2001		2002		2003		2004		2005	
	(%)	Pos	(%)	Pos	(%)	Pos	(%)	Pos	(%)	Pos	(%)	Pos	(%)	Pos	(%)	Pos
São Paulo	37,93	1	53,06	1	20,20	2	27,87	1	27,55	2	21,54	3	27,25	1	11,09	4
Campinas	11,41	3	10,18	2	15,15	3	13,55	2	10,03	3	27,08	1	8,67	4	22,28	1
São José dos Campos	19,35	2	10,07	3	38,38	1	11,87	3	47,35	1	26,44	2	9,49	2	18,41	2
Santos	6,55	4	3,99	4	4,57	4	1,87	4	1,83	4	3,05	4	8,85	3	15,53	3
Sorocaba	2,93	5	2,54	5	3,12	6	0,87	7	1,44	5	0,79	5	7,01	5	10,37	5
Central	0,25	7	0,62	8	3,63	5	0,05	12	0,38	10	0,30	10	0,99	8	0,09	12
Ribeirão Preto	0,41	6	0,37	10	0,74	7	1,58	5	0,66	7	0,35	9	0,07	14	0,35	11

Fonte: Seade/PIESP. Organizado por Adriano Moreira.

Por fim, no que se refere aos investimentos destinados a incrementar o grau de pesquisa e desenvolvimento de produtos e processos nas atividades industriais percebe-se uma concentração espacial maior que nos demais tipos de investimentos, e quando uma região que não seja a metrópole ou que não esteja em seu entorno imediato aparece recebendo tais tipos de investimentos, trata-se pontualmente de volumes menores e que não representam tendências.

Notável, entretanto, a concentração de tais investimentos em São José dos Campos, Campinas e São Paulo reforçando tendências de seletividade espacial já detectadas.

Tabela 8 – Investimentos industriais em Pesquisa & Desenvolvimento – 1995 – 2005 – Regiões selecionadas. Percentual e posição da região no conjunto.

RMs e RAs	95-98		1999		2000		2001		2002		2003		2004		2005	
	(%)	Pos	(%)	Pos	(%)	Pos	(%)	Pos	(%)	Pos	(%)	Pos	(%)	Pos	(%)	Pos
São Paulo	-	-	12,87	2	6,20	2	-	-	13,56	2	59,50	1	18,72	3	60,58	1
Campinas	-	-	0,08	3	0,09	4	-	-	1,41	4	2,82	4	21,85	2	31,99	2
São José dos Campos	-	-	81,73	1	93,60	1	-	-	84,65	1	10,14	2	56,89	1	0,10	5
Santos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,12	6	-	-
Sorocaba	-	-	-	-	-	-	-	-	0,38	3	6,38	3	0,75	4	-	-
Central	-	-	0,06	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,04	6
Ribeirão Preto	-	-	0,01	5	-	-	-	-	-	-	-	-	0,11	7	-	-
Marília	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,58	5	6,90	3
São José do Rio Preto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,39	4

Fonte: Seade/PIESP. Organizado por Adriano Moreira.

3. Mudanças na localização industrial: perspectivas de análise

Negri, em 1988, já apontava que:

A interiorização do desenvolvimento em São Paulo, expressa pela modernização e desenvolvimento da vida urbana do Interior do Estado e pelas profundas transformações das relações econômicas e sociais que estruturam suas cidades, não é apenas o resultado do avanço das instalações de estabelecimentos industriais pelas diversas Regiões Administrativas do Interior. É também resultado das profundas modificações da própria indústria e de modernização da agropecuária, entendidas enquanto processo de transformação da vida econômica e social. Esses movimentos se desenvolveram articuladamente no espaço, dando forma e dinamismo a um sistema urbano marcado por desequilíbrios e desigualdades sócio-econômicas consideravelmente menores, em relação à média do País. (NEGRI, 1988, p.245)

A citação remete, portanto, à condição mais geral das transformações do próprio desenvolvimento capitalista no estado de São Paulo que, permanentemente, rearticula seus diferentes territórios produtivos em uma dinâmica cada vez mais complexa.

A dispersão, como já apontado, seletiva e relativa da indústria de transformação pelo interior do estado de São Paulo, entretanto não significa que é somente a partir dos anos 70⁶ que vão surgir atividades industriais em vastas áreas do interior, como mostram estudos recentes como os de Mourão (1994 e 2002) sobre Marília, Ramos (2208) sobre Sertãozinho, Dundes (2007) sobre Presidente Prudente e Rosalino (2007) para cidades de porte médio, para citar apenas alguns.

Ao mesmo tempo, a leitura de tais processos devem considerar, seguindo a sugestão de Lencioni (1994), a reestruturação da metrópole paulista que paulatinamente “perde” para o interior da função da produção propriamente dita, passando a concentrar as atividades de comando e gestão.

Os dados apresentados até o momento, permitem afirmar que a desconcentração industrial que vem ocorrendo no estado de São Paulo está provocando mudanças na dinâmica territorial do Estado, alterando os perfis socioeconômicos das regiões onde estão sendo instaladas as atividades, através de alterações nas dinâmicas dos mercados de trabalho, criando sinergias com atividades já existentes, com o aparecimento de novas atividades, novos consumidores de produtos e serviços e mudanças no rendimento médio dos trabalhadores.

Ao mesmo tempo, e aqui se encontra uma questão fundamental para a continuidade da reflexão que pretendemos desenvolver, na medida em que mudanças

⁶ Tal Negri (1994) e Cano et al (2005) já corretamente já analisaram.

na própria dinâmica dos investimentos que redirecionam os fluxos de capitais produtivos no território paulista produzem novas e diferentes possibilidades de interpretação dos fatores locacionais que os comandam.

O sentido de incorporar uma reflexão a respeito dos investimentos é inquirir os parâmetros e critérios que comandam as decisões empresariais ao direcionarem seus capitais para uma região ou localidade em detrimento de outras, considerando que ao efetivarem-se, tais investimentos alteram o peso relativo daquela região ou localidade no conjunto das demais.

Sinteticamente, desde as primeiras teorias de localização que o fator custo de transporte aparece com forte peso explicativo. Não seria demais lembrar Von Thunen com os usos agrícolas em modelos concêntricos, comandados pela localização, rentabilidade e custos. Ou ainda os aportes de Weber, enfatizando a minimização entre custos de transportes de matérias-primas e do produto final. Ou os aportes de Christaller, com o grau de primazia na hierarquia da rede urbana, determinando o direcionamento e a intensidade de fluxos entre as localidades. Ou ainda os a contribuição de Lösh, com seu modelo de equilíbrio geral espacial.

Os avanços mais recentes neste campo de discussão são amplos e incorporam contribuições diversas como as de Isard ou Richardson ou, contemporaneamente as avançadas e sugestivas incursões de Krugman para citarmos apenas algumas.

Para além destas contribuições, entretanto, chamamos a atenção aqui para as condicionantes locacionais ligadas ao uso do território, sendo que esse deve ser socioeconomicamente integrado, ou seja, como afirmam Firkowski e Sposito (2008, p.61-62

[...] um “território” torna-se mais ou menos atrativo graças aos recursos, aos potenciais, às oportunidades que ele propõe e graças também a sua capacidade de adaptação às flutuações das necessidades da atividade econômica.

Pode-se então considerar, sobre as bases das redes relacionais que ele autoriza (sub e contratados, sinergias, parcerias...) e das capacidades de inovação que ele propõe ou gera (em curto ou longo prazo), que esse “território” é suscetível de se transformar em fator estratégico do desenvolvimento e da competitividade da empresa.

Assim, é o uso do território, seguindo Santos e Silveira (2001), como ação explicativa que pode/deve ser perseguido como fio condutor que auxilia a compreensão das transformações que tentamos apontar ao longo deste texto e que apresenta as melhores possibilidades analíticas para a compreensão dos “novos mapas” dos territórios da indústria paulista no início do século XXI.

É, portanto, a partir dos dados e informações apresentados até o momento, com a perspectiva teórica do novos usos do território que pretendemos prosseguir com as investigações em curso.

BIBLIOGRAFIA

ARBIX, Glauco, ZILBOVICIUS, Mauro, ABRAMOVAY, Ricardo (orgs.). **Razões e ficções do desenvolvimento**. São Paulo: UNESP/EDUSP, 2001.

BOGUS, Lúcia M. M., BAENINGER, Rosana. Redesenhando o espaço no interior paulista: desconcentração e expansão urbana. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo: SEADE, v. 9, n. 3, jul-set/1995, p. 62-70.

CANO, W.BRANDÃO, C.MACIEL, C.S. **Economia Paulista**. Campinas: Alínea, 2005.

COMEGNO, Maria Cecília e PAULINO, Luís Antonio. Tendências de investimento no Estado de São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**. Vol17, n. 3-4. São Paulo, 2003.

DUNDES, Ana Claudia. Região do devir e região do atraso. Discurso e representações sobre a região de Presidente Prudente - SP. FCT/Unesp. **Tese de Doutorado**, 2007.

FIRKOWSKI, Olga L. C de Freitas e SPOSITO, Eliseu Savério (orgs). **Indústria, ordenamento e território: a contribuição de André Fischer**. São Paulo: Expressão popular: Unesp: PPGG, 2008.

IBGE. **Microdados da amostra**. Censos Demográficos, 1991 e 2000.

LENCIONI, S. Reestruturação urbano-industrial no Estado de São Paulo: a região da metrópole desconcentrada. **Espaço e Debates**. São Paulo: nº 38. 1994. p.54 - 61.

LENCIONE. Sandra. Regiões Metropolitanas do Brasil. Radiografia da Dinâmica Recente do Emprego Industrial e da Remuneração do Trabalhador. In: SPOSITO. E.S. (Org.). O mapa da indústria no início do séc.XXI. Diferentes paradigmas para a leitura territorial da dinâmica econômica no estado de São Paulo. Primeiro **Relatório Parcial**. Anexo 1.Textos com a base teórica e a metodologia do projeto. Presidente Prudente: FCT/UNESP/FAPESP. 2007.

MELAZZO, Everaldo Santos. Desigualdades sociais e territoriais em cidades de porte médio: mudanças na estrutura sócio-ocupacional nos anos 90. FCT/UNESP. **Tese de Doutorado**, 2006.

MOURÃO, Paulo Fernando Cirino. **Reestruturação produtiva da indústria e desenvolvimento regional: A região de Marília**. São Paulo. FFLCH/USP: 2002. 182 p. (Tese de doutorado).

MOURÃO, Paulo Fernando Cirino. A industrialização do oeste paulista: O caso de Marília. São Paulo. FFLCH/USP: 1994. 257 p. (**Dissertação de mestrado**)

NEGRI, Barjas. 'A interiorização da indústria paulista'. In: **A interiorização do desenvolvimento econômico no Estado de São Paulo (1920-1980)**. São Paulo: SEADE-UNICAMP, Coleção Economia Paulista, 2, 1988.

POCHMANN, Marcio. **O emprego na globalização: A nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu**. 1. ed. São Paulo: Boitempo editorial, 2001.

RAMOS, Dulcinéia Aparecida Rissantti. Território e indústria: As empresas metal-mecânicas em Sertãozinho. FCT/Unesp. **Dissertação de Mestrado**, 2008.

ROSALINO, Luis Fernando. Perfil econômico e mudanças da estrutura produtiva nas cidades médias paulistas. FCT/Unesp. **Dissertação de Mestrado**, 2007.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil, território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SEADE. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. **PIESP - Pesquisa de Investimentos Anunciados no Estado de São Paulo - 1995-2005**. São Paulo: SEADE, s/d.

SPOSITO, Eliseu Savério. O mapa da indústria no início do século XXI. Diferentes paradigmas para a leitura territorial da dinâmica econômica no Estado de São Paulo. **Projeto de pesquisa FAPESP**, 2004.